

A Alta Costura Parisiense : um século de moda

Acabamos de retratar o panorama geral acerca do surgimento da moda, mas podemos dizer que foi somente na segunda metade do séc XIX que a moda instalou-se por total. Claro que nem tudo era completamente novo, apenas os sistemas de produção e de difusão eram desconhecidos até então. A moda não escapou de uma estrutura de longa duração. Estrutura que se articulou em torno de duas novas indústrias: **A Alta Costura** e a confecção industrial. Esse sistema, apesar de bipolar, formou uma configuração unitária e homogênea na história das produções da moda. Via-se uma criação luxuosa e sob medida, característica da Alta costura em oposição às imitações baratas e em série. Vale destacar que esse sistema durou cerca de cem anos, constituindo, talvez, o período áureo da história da moda moderna.

A confecção industrial impulsionava a Alta costura. Desde os anos 1820-1840, instalou-se na França um verdadeiro *boom* de roupas novas e baratas produzidas em série. Com a entrada na era da mecanização e a introdução da máquina de costura em 1860, as técnicas progrediram, os custos diminuíram e a confecção diversificou seus artigos. A Moda podia agora se dirigir também à pequena e média burguesia. Mas foi somente em 1857-1858 que aconteceu uma revolução no processo de criação, quando Charles-Frédéric Worth fundou em Paris, na sua própria casa, a primeira linhagem da Alta Costura. A partir dessa iniciativa, a moda tornou-se uma empresa não só de criação como de espetáculo publicitário. Worth começou a usar sua mulher como manequim viva para expor seus modelos. Surgiu assim o conceito de manequins conhecidos na época como “sósias”. Depois de Worth, dezenas de casas apareceram em Paris seguindo seus preceitos. Na “exposição universal de 1900”, por exemplo, vinte casas de Alta costura estavam presentes.

Inicialmente, nada era muito organizado. Coleções ou desfiles com data marcada inexistiam. Por volta de 1908-1910 já começaram a aparecer coleções sazonais, apresentadas em desfiles, que eram espetáculos com hora e data marcada nos salões das grandes casas. Essas coleções eram apresentadas primeiro para os representantes estrangeiros e só duas ou três semanas depois para os clientes. Mas só depois da guerra de 1914 que as confecções começaram a se transformar em virtude de uma maior procura pelos compradores profissionais estrangeiros. Devemos colocar também que a indústria de luxo, representante da Alta Costura, teve um papel essencial na economia francesa, especialmente no que se refere à exportação de roupas. Com a Alta Costura surgiu uma moda hipercentralizada, elaborada em Paris, mas que concomitantemente era seguida pelas mulheres *up to date* de todo o mundo. Em suma, com a Alta Costura houve uma uniformização mundial na moda. Sem dúvida, é possível dizer: Paris ditava a moda.

A Alta Costura regularizou a moda mais do que a acelerou. Não podemos afirmar que as mudanças rápidas da moda são contemporâneas dessa época, mas o que parece ter sido instalado com a Alta Costura foi uma normalização nas mudanças da moda. As renovações tornaram-se imperativas, além de operadas por um grupo especializado e com data fixa. Mas, a despeito disto, os costureiros faziam seus modelos sem saber quais teriam sucesso. Em suma, a Alta Costura fazia moda porém desconhecia seu destino.

“Programando a moda e no entanto incapaz de impô-la, concebendo-a inteiramente e oferecendo um leque de escolhas, a Alta Costura inaugura um tipo de poder maleável, sem injunção estrita, incorporando em seu funcionamento os gostos imprevisíveis e diversificados do público.” (Lipovetsky 1989:97)

Apesar de a Alta Costura ter sido laboratório de novidades, parece que estas se restringiam ao universo feminino. Isso não significa que não

tenha havido nesta época uma moda masculina, mas nada comparável à grandiosidade da Alta costura feminina. A moda masculina só foi impulsionada em 1930, em Londres, onde, a partir de 1920, aconteceu uma simplificação no vestuário feminino, pois a exibição do luxo tornou-se sinônimo de mau gosto. Nessa fase, a moda tornou-se mais acessível e, portanto, muito mais copiada. E a primeira revolução no vestuário da mulher muitas vezes é tida como a “abolição” do uso de espartilhos, em 1909-1910, por Poiret. Ele parece ter dado maior flexibilidade ao andar feminino, apesar de ter mantido a fidelidade ao gosto da sofisticada ornamentação, ao contrário de Chanel, que começou a vestir mulheres de alta sociedade com jérsei, tecido mais simples e barato. Vale destacar que foi ela também a primeira mulher a se impor nesse mercado, antes estritamente masculino. Fica claro, portanto, que foi Chanel quem libertou as mulheres. Nessa época era chique não parecer rico. Assim, a heterogeneidade do toalete aristocrático foi substituída por uma moda mais homogênea. Surgiu a partir de então uma sociedade comandada por um ideal da igualdade democrática.

Vale destacar que outros fatores, culturais e estéticos, além daqueles ligados ao imaginário democrático, tiveram papel decisivo na revolução do parecer feminino: Os esportes particularmente. A partir do final do séc XIX, os trajes esportivos ganharam destaque, mas foi somente nos anos 1920 que a Alta Costura lançou-se nesse espaço. Em 1925, Patou, contemporâneo de Chanel, abriu a loja *Le Coin des sports* fazendo um desfile ao ar livre. Os esportes deram dignidade ao corpo, fazendo com que passear de shorts, exibir pernas e barriga, fosse legitimado.

Surgiu nessa fase, anos 20, um novo tipo de mulher, mais atlética, ousada e liberta. O novo ideal erótico era agora andrógino. As curvas foram abandonadas e a mulher de fato se “libertou” dos espartilhos que as aprisionavam. Porém, começaram a ser aprisionadas pelas dietas pela primeira vez na vida. Os cabelos, que antes caíam pelos ombros, agora eram vistos curtos evidenciando as linhas da cabeça. Surgiu a moda *à la garçonne* (à moda dos meninos). As mulheres mais ousadas aproveitaram a chance,

para não só usar roupas antes permitidas somente aos homens, mas também para fumar em público e reivindicar o direito de votar.

Parecia difícil, nessa época, diferenciar os meninos das meninas. Em decorrência disso, na tentativa de amenizar as semelhanças entre os dois, surgiram os batons vermelhos e as sobrancelhas realçadas com lápis, além do bronzado. A mulher começou a se expor mais a tudo e, principalmente, ao sol: Apareceram as primeiras roupas de banho sem corte nas costas e o conceito de *chic*: mulheres que tinham tempo e podiam ficar expostas ao sol.

Segundo Lipovetsky (1989), a moda teve um papel a desempenhar junto à mulher: Ajudá-la a ser. O que podemos traduzir assim: a Alta Costura iniciou um processo de *psicologização* da moda. Mas o que se quer dizer com isso? A moda começou a criar modelos que caracterizavam emoções e traços de caráter e assim as mulheres começaram, pela primeira vez, a consumir modos de ser junto com as roupas criadas pelos modelistas.

Enquanto a mulher tornou-se uma simples consumidora, o costureiro passou de artesão à artista soberano, cuja única obrigação era com a inovação. Na segunda metade do séc XVIII houve uma valorização dos ofícios ligados à moda. Valorização que por sua vez não foi acompanhada de uma transformação no trabalho: os modelistas eram glorificados, porém a autonomia de criação não existia. Worth foi talvez o maior contribuinte para essa revolução: ele destruiu a antiga lógica na qual a costureira estava subordinada às clientes, instituindo uma lógica de maior independência dos modelistas. Surgiu nessa fase o conceito de *griffe*, simbolizado por uma etiqueta com o nome do modelista colada à roupa.

A ascensão social do povo de moda certamente não foi um fenômeno isolado e sem precedentes. Durante os sécs XV e XVI, pintores, escultores e outros começaram um movimento de reivindicação que é inseparável do ideal igualitário dos valores modernos. O prestígio era agora menos um dado que uma conquista e, com isso, os modistas sublimes não só faziam valer que sua arte era tão nobre quanto a dos poetas, como começaram a se comportar como os últimos. Podemos dizer assim que a era moderna, mais

democrática, não só elevou a moda à posição de arte sublime como valorizou as frivolidades. Se gente da moda ganhou prestígio, isso significa que novas aspirações e uma nova sensibilidade para superficialidades apareceram.

A nova moral individualista que dignificava a liberdade e fazia apologia à felicidade encontrava-se no estatuto moderno da moda. Vale ressaltar que foram esses novos valores morais que enobreceram a moda. A ideologia individualista e a ascensão social da moda parecem ser inseparáveis e, sem dúvida, como já foi visto, o final da Idade Média contribuiu para que o Novo ganhasse direito de cidadania. Mas foi só no fim do séc XVIII, com o Iluminismo, a partir das exigências revolucionárias de igualdade e liberdade, que a moda pôde ser reconhecida e celebrada de forma artística.

Em suma, a Alta costura e a arte moderna estavam diretamente relacionadas com a ideologia individualista. Parece que pela primeira vez na história a primazia estava sendo colocada no indivíduo em detrimento do todo coletivo. Dessa forma, não podemos ignorar a influência das correntes da Arte Moderna na transformação democrática da moda após a Segunda Grande Guerra.

A moda parece ter tirado muitas lições do projeto Modernista. As roupas incorporaram a linguagem do *art déco*, com muitas listras e com metades coloridas. O cubismo também exerceu influência com retângulos grandes e coloridos. No final da década de 20, o cinema passou a influenciar diretamente a moda, com as atrizes usando suas próprias roupas. Começou o *glamour*. Já o Surrealismo pode ser tido com a marca dos anos 30. Moda e arte se misturavam. As estrelas Hollywodianas eram a imagem da moda dessa década. Desde a época áurea do cinema mudo, as telas forneciam padrões e aspirações para mulheres de todo o mundo. O cinema era então controlado por leis moralistas do código *Hayes* (um conjunto que vigorou até os anos 50, ditando o que eram os bons costumes e o que era permitido mostrar ao público nas telas). Nessa época as saias desceram novamente e a cintura retomou seu lugar. O destaque saiu das pernas, que já tinham

ganho liberdade antes negada pela rigidez do vestuário, e foi para as costas, agora desnudas até embaixo. Assim como as saias, os cabelos também cresceram e ganharam ondas e curvas. Foi a época da moda do frisado e do *platinum blonde*. Os filmes introduziram também uma imagem mais glamurosa da mulher mais velha e acabou criando mitos. Espalhou-se a febre dos salões de beleza.

Nos anos 40, a guerra veio novamente como catalisadora das mudanças da moda. Com a Segunda Grande Guerra, as roupas da época demonstravam com que força a moda refletia a atmosfera do momento, a situação econômica e a política vigente. A mulher conquistou novos posicionamentos e, com isso, a moda parece ter ficado mais simples e austera. Devido aos poucos recursos, os produtores tentaram produzir roupas boas, que assumiam agora uma função mais utilitária, prescindindo de adornos. Como nos EUA as restrições eram menores do que na Europa, os Americanos começaram a desenvolver uma moda totalmente nacional. Os estilos começaram a se diferenciar: A imagem da *femme fatale* Européia começou a ser substituída pelo ideal americano de garotas. As *pin-ups* eram agora a verdadeira necessidade das tropas.

Foi nesta época também que as roupas recicladas se popularizaram e os tecidos sintéticos ganharam destaque. Já existiam os tecidos fabricados em laboratórios, como o nylon para fazer pára-quedas e roupas de aviador. O presidente dos EUA foi ao Havaí e lançou uma moda que só foi ganhar destaque mais tarde: bermuda e blusa florida. Tudo o que não era europeu entrou em voga. A América do Sul parece ter virado moda e Carmem Miranda ganhou projeção.

Depois da guerra, houve um retorno ao luxo, como uma nostalgia dos “bons tempos”. Surgiu, em Fevereiro de 1947, o *New look* de Christian Dior, que teve status parecido com o *pop star* de nossos dias. A mulher voltou a ser glamurosa e sofisticada depois das agruras da grande guerra. As roupas voltaram a valorizar as curvas femininas e as saias dançantes voltaram junto com o visual “Eduardino” nos homens. Mas foi somente depois das duas

grandes guerras que o surgiu o “direito” à moda, mais do que um direito, a moda se tornou imperativo categórico. Para resumir, a moda de cem anos parece de fato ter adaptado a produção de moda aos ideais individualistas democráticos. O *prêt-à- porter* começou a marcar presença no fim da guerra, quando as roupas começaram a ser produzidas em série.